

## **IDENTIDADE E ESSENCIALISMO NO CINEMA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO TRANSGÊNERO NO CINEMA BRASILEIRO**

MARCOS SIMÕES<sup>1</sup>; ISADORA EBERSOL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – simoeshaas@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – isadora.ebersol@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

A pesquisa parte da análise fílmica de três longa-metragens e um curta-metragem, com o propósito de assim discutir a representação de personagens transgêneros no cinema brasileiro contemporâneo. A partir de uma análise e reflexão sobre a prática do curta-metragem *Ovo de Colombo* (2014, Guilherme Mendonça Correia e Marcos Haas), dirigido e roteirizado pelo autor do artigo em âmbito acadêmico e cuja protagonista é uma travesti, buscou-se nos longa metragens *Doce Amianto* (2013, Uirá dos Reis e Guto Parente), *Febre do Rato* (2011, Claudio Assis) e *Casamento de Gorete* (2014, Paulo Vespúcio Garcia) aspectos que aproximam e distanciam qualitativamente a representação de personagens transgêneros, transexuais ou travestis nestas obras.

A necessidade de abordar o assunto é cada vez mais evidente, pois ainda que existam notáveis conquistas recentes e crescente visibilidade do movimento LGBTQ nas mídias tradicionais (televisão e cinema principalmente), o segmento que representa as pessoas transgênero ainda é negligenciado dentro do próprio movimento. Isso é notável na sua representação em obras audiovisuais; a esmagadora maioria de transexuais e travestis que figuram em filmes ou programas televisivos desempenham um papel cômico ou de alguma forma degradante.

Além disso, essas representações sempre estão atreladas a características que se supõe comporem a essência da identidade transexual ou transgênero, como trejeitos, comportamentos “característicos” e linguagem, resumindo a personagem a uma de suas várias identidades, desconsiderando o fato de que identidades são plurais, fluidas, e hoje em dia muitas vezes conflitantes. A produção audiovisual brasileira é rica em personagens cuja identidade de gênero é o próprio motivo de sua existência na narrativa e domina sua personalidade, a medida em que é raro encontrar personagens trans construídas com profundidade e múltiplas camadas identitárias.

Ao tratar de identidade e representação, recorre-se às teorias de Kathryn Woodward, principalmente em “Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual” (2000). No texto, Kathryn Woodward reflete sobre o caráter relacional da identidade, e discorre principalmente sobre a identificação: o conceito de que construímos nossa identidade pela análise das diferenças e aproximação das semelhanças entre o “eu” e o “outro”. Ela explica, também, a nossa necessidade de afirmarmos uma identidade e a partir disto nos traz os conceitos “essencialismo” e “não essencialismo”, fundamentais para este trabalho. Judith Butler foi a autora escolhida para ajudar a compreender e problematizar conceitos de gênero e suas representações. “Problemas de gênero...” (2003) discute amplamente o feminismo e aborda a questão do essencialismo identitário nos

movimentos sociais. E por fim, a autora discorre sobre a fragmentação do feminismo (como por exemplo a inclusão de transexuais no movimento) e seus reflexos na luta, interseccionando-a ainda com modalidades raciais, étnicas, regionais e de classe.

## 2. METODOLOGIA

Depois de um período de pesquisa bibliográfica e estudo das obras escolhidas, com destaque para os conceitos de identidade e representação trazidos por Kathryn Woodward e Stuart Hall, suas teorias foram cruzadas na análise dos três longa-metragens e o curta-metragem escolhidos.

Partindo de uma reflexão sobre a prática na análise da produção do *Ovo de Colombo*, vários aspectos que constroem o personagem trans no filme foram, em tópicos distintos, comparadas entre os filmes, como a direção de arte, diálogos, escolha e direção de atores, e figurino, deste modo compreendendo como a pessoa transgênero é contemplada em cada aspecto de produção em diferentes modalidades de cinema seja ele autoral, comercial, independente ou universitário.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível notar que as produções analisadas ainda que muito distintas entre si mostraram aspectos em comum no tocante à representação de personagens transgênero, principalmente ao recorrerem a um essencialismo identitário que atribui as personagens os mesmos trejeitos, modo de vestir, etc. Porém, nota-se uma diferença na profundidade dos personagens e nas funções narrativas por elas desempenhadas dependendo de onde o filme se posiciona no espectro entre o “Cinema Independente” e o “Cinema Comercial”.

Os filmes mais comerciais, como *Casamento de Gorete*, uma comédia que conta com a coprodução da Globo Filmes, contém os personagens transexuais mais rasos. Com a intenção de atingir um público mais amplo, o filme vale-se de signos de mais fácil interpretação e isso gera um humor com pouca ou nenhuma responsabilidade social. Os elementos cênicos, os diálogos e atuações criam uma caricatura, que acabam ridicularizando e denegrindo transexuais e transgêneros.

Já *Doce Amianto*, que apesar de ter entrado no circuito de distribuição em salas comerciais segue uma maneira mais autoral de se fazer cinema, põe sua protagonista, uma travesti como apenas uma personagem em busca de amor, temática comum em diversos filmes. Sua identidade de gênero acaba por ser um detalhe na trama, dando espaço para várias outras camadas identitárias que a compõem, possibilitando assim uma maior profundidade e uma mais fácil identificação do espectador com a personagem.

É interessante destacar também que hoje, a representação de pessoas trans no cinema brasileiro, assim como qualquer prática de significação que produz significado, envolve relações de poder e que este poder está geralmente nas mãos de realizadores cisgêneros<sup>1</sup>.

1 Denomina-se cisgênero aquele que não é transgênero ou transsexual, ou seja: sua identidade de gênero condiz com o sexo atribuído a ele biologicamente. (JESUS, J. 2013)

#### **4. CONCLUSÕES**

Valer-se de estereótipos para representar minorias ainda é regra no cinema nacional, e isso se agrava tratando-se da população transgênero. Porém nota-se que os diversos aspectos da representação tornam-se menos problemáticos à medida que os filmes são menos comerciais, ou buscam atingir um público de nicho.

Deixar de basear-se em signos de rápida associação com transgêneros é favorável à construção de personagens mais próximos de pessoas reais; à medida que este segmento de sociedade luta por cada vez mais visibilidade e espaço na sociedade, é natural que sua representação torne-se não só mais natural e recorrente como também mais fiel à realidade atual. O cinema enquanto uma das maiores ferramentas de difusão de informação pode quebrar tabus e destituir segmentos sociais de certos estigmas. Porém para isto, é necessário descentralizar as instâncias de produção, que hoje residem nas mãos quase que exclusivamente de homens, brancos e cisgêneros.

O trabalho busca, por fim, demonstrar que a representação a partir de um olhar “de fora” será invariavelmente problemática, e que é necessário dar voz aos transgêneros para que eles possam representar nos meios de comunicação a si mesmos. Neste caso representatividade se faz tão importante quando representação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 1999

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SALIM S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. São Paulo: Autêntica Editora, 2012

### Capítulo de livro

HALL, S. **Quem Precisa de Identidade?** In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis : Vozes, 2000. p. 103-130

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000 p. 7-68

### Artigo

LOURO, G. L. Teoria queer — uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 9 (2), 2001: 541-553.

MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. **Teoria & Pesquisa**, 47, jul/dez de 200

### Documentos eletrônicos

JESUS, J. G., **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2a edição. Publicação online, sem tiragem impressa, Brasília, 2012. Disponível em: <[https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989)> Acesso em: 27 abr. 2015.